

# SARAH FERGUSON

*Duquesa de York*

Uma  
Jovem Muito  
Intrigante

«Um romance maravilhoso, bem investigado, bem escrito e rico em detalhes históricos. Mais uma encantadora leitura da Duquesa de York.»

Sir Julian Fellowes

AUTORA BESTSELLER  
DO SUNDAY TIMES

TOP  
SEL  
LER



## NOTA DA AUTORA

Caro leitor,

*Uma Jovem Muito Intrigante* é a minha segunda colaboração com a Marguerite Kaye, e o meu segundo romance passado no período vitoriano. Lady Mary, a minha heroína, pode ser familiar para os leitores de *Onde Me Leva o Coração* como a filha mais nova do Duque e da Duquesa de Buccleuch, mas a viagem que ela empreende é muito diferente da que a irmã realiza no livro anterior. Lady Mary não é uma heroína que aprecie as luzes da ribalta, bem pelo contrário. É uma observadora silenciosa, o género de pessoa que se apercebe de cada ínfimo detalhe e falha pessoal e que tem um verdadeiro talento para os juntar e formar uma imagem exata da pessoa em questão. Lady Mary é discreta, fácil de ignorar e muito fácil de subestimar. De facto, embora ela não o saiba no início deste livro, tem todas as qualidades que farão dela uma excelente detetive.

Contudo, esta não é uma história policial. É, tal como *Onde Me Leva o Coração*, uma história acerca de uma mulher que tenta encontrar o seu lugar no mundo, recusando-se a encaixar no molde que a sua linhagem exige. Lady Mary tem de lutar contra o dever e a herança, a convenção e os costumes, para viver a vida à sua maneira. Baseado de forma livre na verdadeira Lady Mary Montagu Douglas Scott, *Uma Jovem Muito Intrigante* mistura factos históricos e personagens reais com ficção. Do castelo de Drumlanrig, nas Scottish Borders, até Yorkshire e à vila termal de Carlsbad, na Boémia, e a Londres, a viagem de Lady Mary é de autodescoberta e, por fim, de descoberta do amor.

Esta é uma obra de ficção, porém, ao escrevê-la, estabeleci alguns paralelos com a minha própria vida e usei algumas das

minhas experiências para dar autenticidade à personagem de Lady Mary. A separação dos meus pais quando tinha 15 anos deixou-me sem mãe e sozinha. Descobrir, já adulta, que os meus pais tinham perdido uma menina, Sophie, ajudou-me a compreender, infelizmente demasiado tarde, pelo menos algumas das razões do seu casamento infeliz. Tal como Lady Mary, sempre tentei, por instinto, agradar às pessoas (por vezes em meu detrimento), e sempre desejei ser útil. Além disso, também como Lady Mary, foi mais fácil para mim, no passado, representar um papel do que ser o meu verdadeiro eu. Há muito de mim neste livro, mas este não é um livro acerca de mim. É um livro sobre a história de outras «mulheres invisíveis» e um novo passo (de muitos, espero!) na minha demanda de pôr quantas puder em livro. Espero que gostem de *Uma Jovem Muito Intrigante* tanto quanto eu e a Marguerite gostámos de o escrever.

Um agradecimento sentido à Marguerite por ser uma coautora e mentora tão soberba. A nossa colaboração e amizade progride constantemente e já estou ansiosa pela nossa próxima aventura literária juntas.

Mais uma vez, gostaria de endereçar um enorme agradecimento a Rachal Kahan e a toda a equipa na William Morrow pela fé que demonstraram em mim e por todo o apoio que me deram, assim como à Marguerite, ao longo do processo de escrita. Um grande agradecimento também a Lisa Milton e a Becky Slo-rach da Mills & Boon, e um obrigada especial a Flo Nicoll, que nos deu um inspirador feedback inicial. Finalmente, obrigada a Susan Lovejoy e a Camilla Gordon Lennox, extraordinárias investigadoras, cujo entusiasmo é ilimitado e cujo olho para as minúcias históricas nos manteve na linha. Qualquer erro, é apenas culpa nossa.

PARTE I

Castelo de Drumlanrig  
Scottish Borders

*1872*

## CAPÍTULO 1

# UM ENCONTRO INTRIGANTE

Castelo de Drumlanrig, Scottish Borders,  
sábado, 24 de agosto de 1872

**A**dor de cabeça que se fizera anunciar horas antes com um latejar repetitivo e insistente tornava-se rapidamente intolerável. A sensação de aperto, como se tivesse a cabeça num torno, dificultava-lhe a concentração. Já tinha sido brusco, quase rude, com a mulher sentada ao seu lado durante o prato de peixe, e sabia Deus quantos pratos ainda teria de suportar naquele jantar. Ela era amiga da anfitriã, a Duquesa de Buccleuch. Tinha fingido interesse enquanto ela elogiava um dos muitos projetos da duquesa. Algo relacionado com a renovação das hortas, não era? Sim, era isso: o duque e a duquesa tinham contratado tantos aprendizes de jardineiro que se tinham visto obrigados a construir novos dormitórios para os albergar.

O esforço para se distrair fazia-lhe doer o cérebro. Sentia a dor a crescer implacavelmente dentro de si, algo que sabia ser referido nas suas costas na messe dos oficiais como *uma das suas crises*, como se sofresse de tonturas e não de uma maleita debilitante. Doíam-lhe os músculos do esforço necessário para evitar que os membros tremessem. A sua visão estava a ficar enevoada. O seu mau feitio, barómetro sempre exato do seu estado de saúde, aumentava a cada vez que se via obrigado a tapar o seu copo de vinho com a mão para evitar que um laçao voltasse a enchê-lo. Várias experiências amargas tinham-lhe ensinado que o álcool o deixava muito pior.

Devia ter sido a caçada matinal à perdiz vermelha o que provocara isto. Não conseguia pensar noutra causa. O estalar

das espingardas e o cheiro da pólvora costumavam evocar-lhe memórias vívidas do passado. Sim, só podia ter sido isso. Antes sentia-se perfeitamente bem. Devia ter-se desculpado e abandonado a caçada, mas isso teria chamado a atenção para si próprio, ao perturbar o planeamento cuidadoso que o duque fizera da atribuição de lugares privilegiados na sua coutada. Haveria pelo menos mais duas caçadas durante a semana, mas, ainda que os restantes convidados estivessem ansiosos pelo divertimento, para ele tratava-se apenas de uma prova de resistência, de um meio para atingir um fim. Se causasse uma impressão favorável, isso muito contribuiria para conseguir uma audiência benévola com o duque; e o duque encontrava-se numa posição privilegiada para influenciar a única pessoa no reino que podia pôr em movimento as engrenagens necessárias. O Ministério da Guerra precisava deste novo departamento. Ele desejava desesperadamente este novo cargo. Havia até a possibilidade de outro dos convidados do duque, que chegaria amanhã ou no dia seguinte, vir a ser o seu primeiro recrutado. Se as coisas corressem bem. Se!

Daria o seu melhor para assegurar que sim. Era a sua oportunidade de dar provas de si mesmo e de fazer algo digno de nota. Se falhasse — não, não suportava pensar nisso. Mais um ano a apodrecer atrás daquela secretária em Whitehall e o seu cérebro ficaria semelhante às papas de aveia que serviam aqui ao pequeno-almoço. Isso ou permanentemente envolto no nevoeiro que se fechava agora sobre ele. Esta podia ser a sua melhor — e única — oportunidade de fazer algo de si próprio e do departamento. Confiavam nele para apresentar o seu caso. Ele *conseguia* fazê-lo. *Fá-lo-ia*. Arranjaria maneira de alcançar o que o trouxera aqui, sem deixar ninguém, muito menos o perspicaz duque, ver como lhe custava.

Naquele momento, custava-lhe terrivelmente. A voz na sua cabeça gritava-lhe que se retirasse para o seu quarto e sofresse em silêncio. Mas não podia dar-se a esse luxo. Tinha de aguentar. Amanhã era outro dia. Porém, mesmo que aguentasse os pratos do jantar que ainda faltavam, seguir-se-iam os brindes, e não tinha outra

opção que não bebê-los, ou fingir que os bebia, porque o contrário constituiria uma ofensa e conquistar-lhe-ia uma nota de demérito. Nestas circunstâncias, o whisky, que ele detestava em todas as ocasiões, era como chegar lume a uma acendalha para a sua disposição já de si inflamável. Depois dos brindes, chegaria mais uma centena de convidados para o *ceilidh*. Esperava-se que ele participasse nas várias danças típicas. Haveria os guinchos estridentes das gaitas de foles. O poema de Sir Walter Scott, «A Senhora do Lago», fora por alguma inexplicável razão traduzido para gaélico e seria recitado durante a ceia por um ator totalmente ataviado à maneira das Terras Altas. O Duque e a Duquesa de Buccleuch tinham prometido aos ilustres convidados *um serão tradicionalmente escocês*, que se prolongaria até às primeiras horas da madrugada.

O pânico tomou conta dele. Nunca sabia exatamente como iria reagir, se ficaria mudo ou se gritaria ou se, pura e simplesmente, perderia os sentidos — mas sabia que, fosse como fosse, iria cair em desgraça. Se pudesse apanhar um pouco de ar fresco, se pudesse ficar sozinho por uns momentos, talvez aquilo desaparecesse. Era muito pouco convencional sair da mesa a meio de um banquete, mas o destino tivera a generosidade de o sentar ao lado da janela da sala de jantar.

Empurrou a cadeira, verificou que o anfitrião não estava a olhar para ele, murmurou uma desculpa e escapou. A janela alta atrás de si levou-o a um pequeno terraço do lado sul do castelo. Um relógio de sol em bronze, apoiado em cupidos, ocupava orgulhosamente o centro, mas foi a vista o que lhe chamou a atenção. O castelo ficava no ponto mais alto do panorama abrangente que se abria em seu redor, rodeado pela sua fronteira natural de árvores que se estendia ao longo da margem do revoltado Marr Burn. Os canteiros do jardim, que a duquesa tinha recuperado como parte do seu épico projeto de renovação, eram agradavelmente simétricos, dispostos como os vidros de uma grande janela de vitral pousada no cenário aplanado.

Mas não podia ser plano. Drumlanrig situava-se numa escarpa. Intrigado, começou a descer os degraus de pedra até ao terraço



coberto de gravilha diretamente por baixo e descobriu o segredo da ilusão de ótica: o terraço descia a pique até ao primeiro de vários níveis por um talude coberto de relva. Continuando a descer, chegou ao primeiro socalco, rodeado por uma longa e estreita balaustrada que não notara a partir da varanda. Vastas quantidades de terra tinham sido escavadas e movidas para domesticar a natureza. De quem fora a visão original? Quantos jardineiros trabalhavam na sua manutenção? E quantos mais trabalhariam nas renovadas hortas, com a sucessão de casas de que, recordava agora, a sua companheira de mesa falara liricamente?

— Esquece as malditas hortas — murmurou para si mesmo.  
— Concentra-te nesta vista.

Independentemente do modo como tivesse sido criada ou fosse mantida, era uma paisagem linda e calmante. O Sol tinha-se posto, dando lugar a um suave crepúsculo. Ele só precisava de mais alguns momentos sozinho para absorver aquele maravilhoso ar, dispersar o nevoeiro no cérebro e voltar a controlar-se. Empoleirado na balaustrada, admirou o castelo. Conhecido localmente como o Palácio Cor-de-Rosa, o edifício ao estilo renascentista, com as suas torres a cada canto, os torreões *pepperpot* e a miríade de chaminés, parecia menos ameaçador e mais distante do que era na realidade, graças à ilusão de ótica que os terraços conferiam à perspetiva.

Com um suspiro cansado, voltou a pôr os pés no chão. Não podia permanecer mais tempo ali fora; estava na altura de voltar à refrega antes que a sua ausência fosse notada e comesçassem a ser feitas perguntas, a sua história, recordada, a oportunidade, perdida. Estendeu a mão diante de si, notando com alívio que mal tremia, quando, pelo canto do olho, viu algo passar no estreito parapeito de pedra que percorria o telhado entre as duas torres da frente sul. Perplexo, viu a figura dar um hesitante passo em frente. O castelo tinha quatro andares. Uma queda resultaria certamente em morte.

Esquecendo tudo acerca do seu próprio estado de espírito, começou a correr o mais depressa que conseguia, subindo o caminho íngreme. Quando chegou ao terraço, a figura ia quase



a meio da estreita balaustrada. Era notável e inegavelmente feminina, uma jovem alta, constituída por linhas dignas de uma estátua e parcamente vestida com uma túnica curta, o que lhe proporcionava uma excelente visão das suas longas e bem torneadas pernas. O seu primeiro pensamento foi que se tratava de mais uma artista contratada para tornar aquele serão memorável que ensaiava o seu número enquanto o público jantava. Porém, quando se aproximou o suficiente para lhe distinguir as feições, percebeu que, ainda há momentos, ela tinha estado sentada diante de si à mesa do jantar, usando um vestido castanho. Era impossível confundi-la, apesar de os notáveis olhos cinzentos estarem antes recatadamente baixos, e a boca generosa, aveludada num sorriso suave.

Que raio estava ela a fazer e por que diabo arriscava assim a sua vida? Com medo de a distrair, manteve-se na sombra das escadas. Ela ganhava confiança a cada passo, mantendo os braços estendidos para se equilibrar, como um trapezista no circo; e quando ele inclinou a cabeça, observando-a com admiração e receio, ela deu um salto de bailado para diante, aterrando levemente sob as chinelas, e ele era capaz de jurar que ela tinha rido. Depois, tendo concluído a sua temerária travessia, desapareceu abruptamente de vista.

— É o senhor, coronel? — Sobressaltado, ergueu os olhos e viu um convidado espreitando da varanda. — Está tudo bem?

— Sim — respondeu ele, perplexo por ser verdade. — Só saí um pouco para fumar. — A mentira saiu-lhe com facilidade. A sua mente estava agora perfeitamente lúcida, ao subir as escadas.

— Foi o que pensei — disse o homem, acenando com a cabeça. — Eu próprio tive a mesma ideia. Mas é melhor voltarmos. Estão a fazer a recepção ao *haggis*. Seria mau se a perdêssemos.

O gemido das gaitas de foles saudou Lady Mary Montagu Douglas Scott, a filha mais nova do Duque e da Duquesa de Buccleuch que corria pela escadaria em espiral reservada aos criados, voltando

a abotoar os últimos botões do corpete do seu vestido de noite. Tinha usado o de seda cor de tabaco, apesar do pedido da mãe para usar o novo, cor de limão, que era muito mais justo e difícil de abotoar sem ajuda. O seu vestido castanho de confiança era mais solto, e muito mais fácil de vestir e despir.

Parando sem fôlego junto da porta que abria para uma pequena sala de serviço, sorriu triunfalmente. Fora definitivamente a coisa mais assustadora e tola que fizera em toda a sua vida, mas fizera-o! E, como se não bastasse, a meio do jantar! Sentia-se zozza, simultaneamente assustada e atónita com a sua imprudência, mas também a rebentar de excitação.

Contudo, ainda não tinha terminado. Só tinha sido bem-sucedida se ninguém tivesse dado pela sua falta, pelo que era melhor tirar o sorriso da cara. Conseguiu-o ao imaginar a reação da mãe se soubesse que a filha tinha andado a dançar no para-peito. Mary endireitou a fita de tartã e sacudiu as saias, notando com desânimo que se esquecera de descalçar as chinelas especiais cor-de-rosa. Agora era tarde demais. Além disso, supunha que ninguém fosse notar.

O gaiteiro do pai, suando debaixo da sua vestimenta montanhosa, ergueu uma sobrancelha na sua direção ao deslizar para a sala de jantar atrás de Jamie, o lacaios que transportava a enorme salva de prata de *haggis*. A mãe lançou-lhe um olhar significativo quando ela voltou a sentar-se, e Mary fez um gesto justificatório, apontando discretamente para a barriga. Tinha a sorte de não sofrer durante as suas regras, mas ocasionalmente dava-lhe jeito fingir que sim.

Mary tomou o seu lugar, notando sem surpresa que os cavaleiros à sua esquerda e à sua direita não pareciam minimamente preocupados com a sua ausência. Ninguém se preocupava. Que diriam, se lhes contasse o que acabara de fazer? Agora que voltara à mesa, ela própria quase não acreditava. Não o tinha planeado e, mesmo quando a ideia se lhe formara na mente, enquanto suportava o primeiro prato, não tencionava concretizá-la. Mas, contando as intermináveis horas de tédio que se estendiam diante de si,

calculara que, se era para o fazer, a melhor altura seria agora, quando todos — os convidados, os pais, os criados — estavam ocupados com o jantar. Depois disso, foi como se um diabinho dentro de si a espicaçasse. Até ao momento em que saltou para o parapeito, disse a si mesma que podia voltar atrás a qualquer instante. Estava tão contente por não ter desistido! Saber o que tinha feito, além do facto de mais ninguém ali presente o saber, era como champanhe a borbulhar dentro de si.

O cavalheiro à sua frente fitava-a. Embora já tivesse verificado se tinha a cara suja de terra ou teias de aranha, Mary limpou rapidamente as bochechas. Ele ergueu uma sobrelanceira para ela, e parecia prestes a quebrar todas as regras da etiqueta para lhe falar através da mesa, antes de, no último momento, mudar de ideias, abanando a cabeça, e olhar, como os restantes convivas, para os enormes dois quartos dianteiros de boi que se seguiram ao *haggis*. Dois lacaios mantinham o assado bem alto, o qual arrancou um suspiro de aprovação dos convidados a quem o fraco *haggis* não entusiasmara. Ninguém recusava o cozinhado de miúdos, mas nos muitos banquetes a que Mary assistira aqui em Drumlanrig, observara que muito poucos o provavam, e muito menos o comiam com gosto. Pessoalmente, agradava-lhe muito mais do que as fatias de carne requintada que faziam todos lambe os lábios; e Jamie, conhecendo os seus gostos, serviu-lhe uma grande porção.

— É uma adepta do *haggis*? — perguntou o cavalheiro à sua direita, um político amigo do pai, enquanto olhava de soslaio a sua própria dose.

— Quase tanto como de *crappit-heid* — respondeu Mary, com expressão impassível. — É cabeça de eglefim recheada com aveia e sebo. Não me diga que nunca provou?

— Nunca ouvi falar disso — respondeu ele, encolhendo os ombros. — Tenho uma forte suspeita, Lady Mary, de que é uma invenção sua e está a fazer pouco de mim.

— Na verdade, não. É algo que Sir Walter Scott serviu ao rei Jorge quando este visitou Edimburgo há alguns anos.

— Ah, uma ocasião deveras auspiciosa para a capital e a nação.

— É bem verdade. — E um episódio contado e recontado na história da sua família. Em conformidade, informou o seu vizinho de mesa de que, durante essa visita, o rei Jorge tinha vivido no Palácio de Dalkeith, a residência da família Buccleuch perto de Edimburgo, como convidado do seu pai que, embora já tivesse herdado o título, não passava de uma criança na altura.

— Tal como eu — comentou o cavalheiro, acenando com a cabeça e sorrindo. — Mas isso entrou no folclore da nação.

Lançou-se numa longa e divagante história acerca da visita do rei que Mary já tinha ouvido muitas vezes, deixando-a alegremente livre para sorrir polidamente e examinar o homem robusto do outro lado da mesa. Ao contrário de quase todos os outros convidados masculinos, não estava ataviado com xadrez, usando antes um fato de noite preto, com uma imaculada camisa branca e um plastrão. Era bastante bem-parecido, com feições fortes que incluíam uma covinha no seu bem barbeado queixo. Cabelo preto muito curto, nariz forte, uma boca cheia, como a dela, e olhos castanho-escuros de pálpebras pesadas, dando-lhe um olhar sonolento que Mary decidiu que era enganoso. Calculou que estivesse na casa dos 30 anos. Tinha um leque de rugas no canto de cada olho e sulcos mais profundos na testa que podiam ser atribuídos, quer à idade, quer ao facto de ter sofrido qualquer trauma ou sofrimento. Estaria a fantasiar? Não sabia porquê, mas suspeitou que não.

Devia ter chegado hoje cedo, provavelmente para a primeira caçada, quando ela se encontrava fora com a mãe, a fazer visitas. Não se lembrava dele como um membro do grupo do seu pai, o que só por si era invulgar. Intrigada, continuou a examiná-lo por baixo das pestanas, fazendo um vago comentário ao seu companheiro de jantar acerca do seu parente distante, Sir Walter Scott. O verdadeiro objetivo da atenção deste não era comer, mas reorganizar a comida no prato.

— É uma pena que Sir Walter não possa estar aqui esta noite, para ver o seu trabalho interpretado em gaélico. — Mais uma

vez, o vizinho interrompeu-lhe os pensamentos. — Foi uma ideia muito atenciosa por parte do seu pai — continuou.

— Foi ideia do meu irmão William. No ano passado foi o centenário do nascimento de Sir Walter Scott, sabe.

— Sei. Assisti às celebrações em Edimburgo nessa altura, e falei com o seu irmão, o conde. É um excelente embaixador do duque, e da nossa língua nativa, também.

— Refere-se ao gaélico? Também o fala, suponho? — inquiriu Mary. Tal como esperava, a resposta foi equívoca.

— Não propriamente, mas o legado, e tudo isso, percebe? O montanhês orgulhoso de que o seu parente Sir Walter escreve, e que Sua Majestade tanto venera. Mesmo nós, que não o falamos, podemos apreciar a sua... beleza lírica, não é?

— Oh, sim — disse Mary com um dos seus sorrisos mais recatados. — Como este exemplo?

Recitou o longo improério em gaélico que John-Angus, o ajudante de jardineiro da Ilha de Lewis lhe tinha ensinado, com o suave sotaque cadenciado que aprendera a imitar e fazia as palavras hediondas soarem como uma calmante canção de embalar.

— Lindo — disse o seu companheiro. — Posso perguntar o que significa?

Do outro lado da mesa, o homem pousara os talheres, quase sem tocar na comida. Também não bebera mais do que um trago de vinho.

— Conhece aquele cavalheiro? — perguntou Mary, num esforço para evitar responder.

— Quem? Oh, é o Coronel Trefusis — disse o seu companheiro, sem qualquer entusiasmo. — Anteriormente estava nos Fuzileiros Escoceses, mas creio que atualmente é uma espécie de administrador.

— Talvez seja por isso que não está de uniforme.

— Pois, na verdade está vestido de uma forma muito simples. Nem um centímetro de tartã. Fizemos um grande esforço, porque o seu pai estava ansioso por assinalar devidamente a abertura

da caça ao tetraz-lira. É uma pena que o Príncipe de Gales a tenha cancelado no último momento.

— Adiou, não cancelou. A presença de Sua Alteza Real foi exigida para tratar de um assunto de Estado urgente — disse Mary cautelosamente, tendo ouvido a furiosa especulação do pai quanto à verdadeira razão. — O coronel é casado?

— Não, não. É um homem do exército, sem mulher. O irmão dele é o Lorde Clinton, acho que as suas propriedades são em Devon ou na Cornualha. Algures na zona oeste.

— Lorde Clinton? Acho que nunca o conheci, e de certeza que nunca tinha visto o Coronel Trefusis, mas julgo que sejam ambos primos distantes.

— Pois, creio que entre as ilustres linhagens do seu pai e da sua mãe, está relacionada com todas as famílias notáveis da terra. Talvez o Coronel Trefusis honre a sua linhagem escocesa vestindo um *kilt* para as danças, mais tarde. O que me recorda, Lady Mary, que me sentirei muito grato se me conceder a honra de uma dança, se não for já atrasado para pôr o meu nome no seu cartão? Têm-me dito que executo uma *schottische* competente, se tiver uma vaga?

— Não sei bem onde é que pus o meu cartão, mas quando o encontrar...

Para seu alívio, a mãe fez o sinal que indicava a mudança para o prato seguinte, e ela virou-se obedientemente para conversar com o convidado do seu outro lado. Olhando de esguelha através da mesa ao virar-se, encontrou momentaneamente os olhos do Coronel Trefusis. Ele ergueu de novo o sobrolho para ela e, desta vez, embora não a exprimisse, a pergunta parecia escrita, clara e sonoramente na sua expressão. *Que diabo estava a fazer?*

## CAPÍTULO 2

# DANÇAS AO SERÃO

O castelo de Drumlanrig era a menos grandiosa e imponente das mansões da família Buccleuch, usado sobretudo para caçadas no verão. Contudo, por mais impressionante que parecesse visto de fora, o seu interior era escassamente mobilado e as salas estavam cortantemente frias no inverno. Era também uma residência muito inconveniente, com o acesso ao segundo piso limitado a escadas em espiral nas quatro torres, tão estreitas que cada uma servia apenas para subir ou para descer.

Drumlanrig não tinha salão de baile, o que significava que o *ceilidh* anual era realizado no salão do primeiro andar. Embora a mobília tivesse sido totalmente removida, os tapetes enrolados e os músicos aglomerados num canto, continuava a haver pouquíssimo espaço para dançar. Felizmente, as danças no *ceilidh* de Drumlanrig eram executadas de forma calma, totalmente destituídas do vigor exibido nas reuniões mais populares a que Mary assistira ilicitamente na propriedade com o seu amigo Stuart, o filho do couteiro-mor. Esta noite, os passos eram cuidadosamente executados, com um relator ao lado do acordeonista descrevendo as manobras mais complicadas. Cumpriam-se rigorosamente os tempos, as mãos eram cuidadosamente posicionadas e as cabeças corretamente viradas a cada passo ou mudança de direção.

Anos de prática tinham permitido a Mary dançar sem precisar de se concentrar, e visto que todos os seus parceiros tinham falta dessa experiência, era um bónus a conversa ser sacrificada enquanto eles se focavam em não a pisar. Ensinou o seu parceiro atual a dançar a secção da polca do «Balmoral Schottische»,



conquistando um sorriso de gratidão, e examinou novamente o salão em busca do Coronel Trefusis, mas não o viu. Também não viu o pai. O duque odiava dançar, mas era rigorosamente formal e não era nada do seu género desaparecer a meio do seu próprio *ceilidh*. Estariam fechados juntos? Que diabo poderiam estar a discutir? devia ser algo mais importante do que uma simples conversa polida.

A dança terminou e Mary fazia a vénia obrigatória quando a mãe apareceu junto do seu ombro.

— Se nos dá licença — disse a duquesa, sorrindo graciosamente ao parceiro de Mary e segurando-lhe o braço com força. — Preciso de uma palavra privada com a minha filha.

Oh, santo Deus! A mãe devia ter notado quanto tempo ela estivera ausente da mesa.

— Mamã, a próxima dança...

— Só começa daqui a 10 minutos. — A duquesa conduziu-a para fora do salão, até ao vão da janela da sala de estar adjacente, onde vários convidados recuperavam dos seus esforços no recinto de dança.

— Agora diga-me honestamente — disse ela. — Devo preocupar-me consigo?

— Não! — A negação soou a pânico. Ela lembrou-se de que a mãe não podia realmente saber o que estivera a fazer. — Quero dizer, não, claro que não precisa de se preocupar, mamã.

— Ausentou-se da mesa pelo menos 20 minutos. Para sair assim, a meio de um banquete, deve ter-se sentido terrivelmente doente.

— Oh não, juro que estou perfeitamente bem — disse Mary sentindo-se culpada. — As minhas regras vieram mais cedo e tive de tratar do assunto, foi tudo.

— Oh, sim, percebo.

— Não tinha intenção de a preocupar.

— Não, Mary, sei que a menina nunca tem essa intenção. Pensa que ter uma filha a dar-me noites sem dormir é mais do que suficiente para eu suportar — foi a resposta seca e surpreendente.

— A Margaret está agora muito feliz em Nova Iorque. Disse-o na sua última carta, e sabe, mamã, uma coisa acerca da Margaret é que ela nunca finge. Se diz que está feliz, é porque está.

— É bem verdade: uma pessoa sabe exatamente com que linhas se cose em relação à Margaret. Nesse sentido, a menina é muito diferente dela. Nunca sei o que vai nessa sua cabeça. É o último passarinho que me resta no ninho.

— Pensei que mal podia esperar que eu levantasse voo — respondeu Mary, abalada pela pieguice invulgar na mãe.

— O que é que a leva a pensar assim?

— Não foi exatamente para isso que passei as duas últimas temporadas em Londres? Lamento ter-me revelado tão difícil de descartar.

— Descartar? Que maneira de dizer as coisas. Eu queria que a menina se divertisse. Um novo guarda-roupa, festas; foi uma oportunidade para conhecer novas pessoas, fazer novos amigos. Tem estado muito sozinha, e tenho consciência de que, em grande medida, foi culpa minha. A menina é tímida, e aquela primeira temporada foi uma provação, mas esperava que desfrutasse mais desta.

— Bem, não desfrutei — disse Mary secamente. — Está mesmo a dizer que não me levou para Londres para arranjar marido?

— Pensei que os meus motivos eram óbvios. Esperava que compreendesse, Mary, que aprendi com os meus erros em relação à sua irmã. — A duquesa cerrou os lábios. — Este não é um tema para discutir neste momento. Devemos juntar-nos aos nossos convidados.

As palavras da mãe dar-lhe-iam muito que pensar, mas por cima do ombro Mary viu o Coronel Trefusis e o pai reentrarem no salão. O Coronel Trefusis tinha-a sem dúvida avistado, porque atravessou rapidamente a sala e fez uma vénia.

— Vossa Graça. Lady Mary. Creio que esta dança é minha?

Mary sabia perfeitamente que não era, e também o sabia o seu robusto parceiro, que abria caminho para ela, mas permitiu que ele lhe tomasse o braço.

— O Lorde *Mayor* tem o seu nome anotado para esta dança, sabe.

O Coronel Trefusis sorriu, abanou a cabeça e pegou-lhe no braço.

— Se ele tentar um *strip the willow* terá uma apoplexia. Poupá-lo-á, assim como ao bom povo de Dumfries, dançando antes comigo.

Conduziu-a para junto de três casais que formavam perto da porta principal. Sendo obviamente um homem que não tinha respeito pelas regras estritas que governavam um *ceilidh*, posicionou-se com ela à cabeça da fila, o que significava que seriam os primeiros a dançar, e não os últimos.

— Devíamos estar lá atrás — disse Mary baixinho, tentando libertar o braço.

O coronel, contudo, entrelaçou os braços nos dela, segurando-a firmemente no mesmo lugar.

— Tenho esperado toda a noite para dançar consigo, e não posso perder mais um momento.

— Esperou toda a noite! Onde? Não o vejo desde o jantar.

— Tive outro compromisso.

— Não estive à sua procura. Simplesmente reparei...

— Que eu tinha desaparecido? — perguntou ele. — Tal como a menina fez durante o jantar.

— Saí da mesa para tratar de um... de um assunto pessoal — disse Mary, corando. — Tal como explicava agora mesmo à minha mãe.

Qualquer cavalheiro teria imediatamente mudado de assunto. O Coronel Trefusis limitou-se a erguer as sobrancelhas.

— Um assunto pessoal. Uma forma interessante de pôr as coisas.

Que queria ele dizer? Não podia tê-la visto. Era totalmente contra as regras da etiqueta sair da mesa a meio de um banquete, como ela fizera. A banda recomeçou a tocar. Mary tentou libertar o braço.

— Não posso, de forma alguma, ofender o Lorde *Mayor*.

— Se o Lorde *Mayor* ficar ofendido, a culpa será minha. Quanto à dança, julgo que me achará razoavelmente competente — respondeu o Coronel Trefusis, fazendo-a dar uma volta exatamente no momento certo.

Não havia nada de calmo na forma como a executou, quase a fazendo levantar voo. Estava tão tonta quando ele a soltou que quase saiu do ritmo ao dançar ao longo da linha de cavaleiros. Ao fundo, voltaram a rodopiar juntos, mas desta vez ela estava preparada para ele, e desfrutou da sensação de quase voar. Agora era a vez de o coronel subir ao longo da linha, fazendo rodar cada uma das senhoras. Quando chegou ao princípio, tomou Mary nos braços para mais uma volta, desta vez fazendo-a rodopiar tão rapidamente que ela cambaleou, só percebendo que ele os levava para fora do salão quando ele parou subitamente.

— Que raio está a fazer? — arquejou Mary.

— Pensei que precisaria de ar. Parece um pouco tonta.

— Graças a si!

— Precisamos de falar, e não há forma de o fazermos enquanto dançamos.

Sem a largar, fê-la passar rapidamente diante dos dois lacaios ao cimo da escadaria principal em carvalho e atravessar uma porta que levava a uma das pequenas varandas na fachada sul do castelo e descer os degraus de pedra para a escuridão do jardim.

— Não podemos demorar-nos, ou notarão a nossa falta — disse o Coronel Trefusis soltando-lhe o braço.

— Provavelmente já notaram. Não foi propriamente uma manobra subtil — disse Mary severamente, muito abalada com o comportamento autoritário dele. — A minha mãe...

— Diga-lhe que desmaiou.

— Já a preocupei bastante esta noite, desaparecendo durante o jantar. Além disso, eu nunca desmaio.

— Deveria cultivar o hábito. Pode ser um método muito útil de escapar a situações complicadas.

— Como esta?

— Julgaria que a situação em que se colocou antes fosse muito mais complicada.

O coração dela falhou um batimento. *Não entres em pânico*. Ele não podia tê-la visto. Uma manobra de diversão, pensou Mary, agarrando-se à esperança.

— Ainda não compreendo porque é que, simplesmente, não pôs o seu nome no meu cartão de dança, se estava tão empenhado em dançar comigo.

— Não tinha planeado juntar-me às danças.

— Agora que me distinguiu, isso será visto com muita estranheza.

— Nesse caso, farei questão de dançar com pelo menos duas outras senhoras quando voltarmos para o *ceilidh*, o que terá de ser em breve. Vamos diretos ao assunto, está bem, Lady Mary?

A boca dela ficou seca, mas conseguiu o que supôs ser um sorriso tépido.

— E qual é o assunto?

— O feito extraordinário que executou durante o jantar.

Ela considerou negar, mas algo na expressão do coronel a fez mudar de ideias. Uma mudança subtil que ela não conseguia perceber bem, mas que a fez sentir-se como um oficial subalterno apanhado num comportamento incorreto.

— O senhor viu-me.

— Vi-a. A que diabo brincava, arriscando o pescoço daquela maneira?

— Não estava a arriscar o pescoço!

— A sério? Parecia muito insegura dos seus passos quando começou.

— Mas assim que encontrei o equilíbrio, eu... Onde é que o senhor estava? Não pode ter-me visto da sala de jantar, por isso devia estar no jardim. É considerado muito má educação sair de uma mesa a meio do banquete, mas o senhor sabe.

Ele apertou os músculos em redor da boca.

— Vim apanhar um pouco de ar fresco entre dois pratos.

— Parece precisar de muito ar fresco — retorqui Mary, recordando-se com algum atraso de que o ataque era a melhor defesa. — Talvez viva mesmo de ar, visto que não come nem bebe muito.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Estava a observar-me?

— Reparo em coisas acerca das pessoas, é tudo. O senhor não comeu nada, foi só mudando a disposição da comida no prato.

— Não tinha fome. Pare de tentar mudar de assunto.

Mary cruzou os braços, a mente disparada. Seria capaz de se desenvencilhar?

— Bem, ambos escapámos do jantar por um momento... e daí? — perguntou ela, tentando desesperadamente não deixar transparecer o seu pânico. — Foi muito impróprio da parte de ambos, mas não foi feito qualquer mal. Agora, posso voltar para o *ceilidh*?

— Pregou-me um susto de morte — disse o coronel, ignorando o sarcasmo. — Corri para a resgatar, mas não faço ideia do que pensava fazer se a menina caísse.

— Tentaria apanhar-me? — disse Mary, recorrendo à garri-dice. — Não sou um peso-pluma; provavelmente tê-lo-ia matado por esmagamento. — Uma visão de si própria a mergulhar para o solo fê-la estremecer. Abanou a cabeça para a desvanecer. — Felizmente para si, não caí.

— Não, parecia desfrutar de cada momento, depois de um início vacilante. Gosta de cortejar o perigo?

Ela olhou-o com fúria.

— Isso não é da sua conta.

— Estou interessado — continuou ele —, porque a jovem que dançou no parapeito fez um contraste tão grande com a criatura insípida à mesa do jantar. Ainda não me disse o que fazia ali.

— O senhor não compreenderia — retorqui Mary, duvidando que ela própria compreendesse. — Não importa porque é que o fiz. Fi-lo, e agora desejava não o ter feito.

— Isso é verdade?

Ela abriu a boca para confirmar, depois mudou de ideias e apenas encolheu os ombros.

— Foi uma coisa tão extraordinária para fazer em qualquer momento, mas logo a meio de um jantar formal! Não consigo pensar numa única razão para fazer tal coisa. — À luz das estrelas, ela não conseguia ver-lhe bem a cara, mas ele parecia genuinamente perplexo. Embora não precisasse de lhe dar explicações, era tão raro alguém pedir-lhas que se sentiu terrivelmente tentada. — Eu não tencionava levar aquilo até ao fim. Ao princípio, apenas imaginei, enquanto alguém tinha um monólogo comigo. Imaginei-me a sair da sala de jantar, a correr lá acima para mudar de roupa e a dirigir-me ao parapeito.

— E a certa altura a sua imaginação cedeu lugar à ação?

— Está a rir-se de mim?

— Estou... estou confundido por si, para ser franco.

— Confundido — repetiu Mary, silenciosamente agradada.

— Tem o hábito de aliviar o tédio dos jantares desta maneira?

Ela deu uma gargalhada.

— Claro que não! Esta foi a primeira vez.

— E a última, espero, agora que já provou o que queria a si própria, se era isso que pretendia.

— Talvez fosse — admitiu Mary, surpreendida.

— Como raio adquiriu uma habilidade tão notável? Não faz exatamente parte da educação de uma jovem senhora.

— Um dos aprendizes das hortas vem de uma família do circo e ensinou-me a andar numa corda há alguns anos, mas nunca o fiz a mais do que uns centímetros do chão. Pratiquei no muro comprido do terraço inúmeras vezes, mas nunca tinha caminhado no parapeito. Não tinha percebido que era tão alto. Não devia ter olhado para baixo, isso perturbou-me muito.

— E quase a matou — disse o coronel, taciturno.

— Mas não matou — concluiu Mary, contendo um tremor.

— Porém, agora que penso nisso, admito que não sei realmente o que me possuiu.



— A excitação de um ato perigoso, combinada com um desejo fervoroso de deitar a língua de fora a todos os presentes, sem ninguém adivinhar o que estava a fazer.

— Oh! — Ela deixou descair o queixo. — Como é que sabia isso, se eu própria não sabia?

Ele riu baixinho.

— «Quando alguém tinha um monólogo comigo», foi o que disse. Devia estar bem certa de que nenhum dos seus companheiros de jantar notaria a sua ausência.

— E tinha razão! Então, e o senhor — disse Mary, mais uma vez à defesa. — Deve ter estado ausente da mesa quase tanto tempo como eu. Qual é a sua explicação?

— Como disse, saí para apanhar ar.

Claramente, ele não gostava que ela o interrogasse. Uma explosão de gargalhadas abafadas veio da sala de jantar. O pessoal devia estar a pôr a mesa para a ceia.

— Tenho de voltar — disse Mary. — A minha mãe... Oh, meu Deus, vai contar-lhe? Por favor, preferia realmente que não. Isso ia colocá-la numa posição horrível.

— De que raio fala?

— Não posso explicar-lhe, mas se contar à minha mãe, ela será obrigada a informar o meu pai. Coronel Trefusis, não pode imaginar o quanto eu verdadeiramente, profundamente, muito fervorosamente, preferia que ela não tivesse de fazê-lo... — Mary interrompeu-se, mortificada, quando se apercebeu da dimensão do seu capricho. — Não posso explicar agora, não há tempo, simplesmente não podemos demorar-nos mais aqui. Podemos encontrar-nos amanhã de manhã antes do pequeno-almoço? Normalmente dou um passeio por voltas das 6 horas. Podemos acidentalmente esbarrar um com o outro.

— Não me parece que isso seja apropriado.

— Por favor! — Ela conseguia ouvir passos. — Vá ter comigo à Casa da Urze — sussurrou Mary. — É nos prados depois do relvado de bólingue, não terá dificuldade em encontrá-la. Por favor, Coronel Trefusis.

— Muito bem. Na verdade, também tenho o hábito de dar passeios matinais.

O laçao que a mãe obviamente mandara procurá-la apareceu, e o Coronel Trefusis pegou-lhe no braço.

— Se está a sentir-se melhor agora, Lady Mary, julgo que devemos voltar para o *ceilidh*.

### CAPÍTULO 3

## O RATINHO

Castelo de Drumlanrig,  
domingo, 25 de agosto de 1872

**E**stava um lindo início de dia. O Sol acabara de nascer e os últimos convidados do *ceilidh* tinham finalmente ido para a cama quando Mary partiu para o seu encontro com o Coronel Trefusis. Graças à sua anterior mentira acerca de se sentir indisposta, a mãe mandara-a para a cama relativamente cedo, às 2 horas. Passara a maior parte da noite completamente desperta, revivendo os acontecimentos do serão, tentando — e fracassando — imaginar a conversa que se seguiria esta manhã. Virando-se no meio círculo do jardim para contemplar o castelo, o seu passeio no parapeito pareceu-lhe um sonho — ou talvez devesse dizer pesadelo?

Sentia-se dividida. Se a mãe se envolvesse, ela nunca se perdoaria, mas se pudesse persuadir o Coronel Trefusis de que era mais conveniente manterem as suas atividades entre eles... Mary sorriu, abraçando o próprio corpo. Nesse caso ela não se arrependeria, porque tinha desfrutado muito.

O coronel fora fiel à sua palavra na noite passada. Voltando ao *ceilidh*, começara por, solicitamente, a entregar ao seu próximo parceiro de dança, antes de procurar uma parceira para si próprio. Executara uma intrincada *schottische* com vigor e participara em três outras danças típicas. Isto provava o que ela já tinha suposto, que ele era um homem de honra, mas o decoro com que ele dançava, a contenção que *não* demonstrara quando fora o seu par, confundia-a.

Ela não sabia o que pensar dele. Tinha o porte e o vestuário do mais conservador dos homens, contudo, o método que usara

para chegar à conversa com ela fora imprudente. Depois, havia a sua desculpa para ter abandonado a mesa do jantar. Porque é que precisara de ar fresco? Estava doente? Isso explicaria porque é que empurrava a comida no prato, mas não explicava a energia que mostrara no recinto de dança. As contradições intrigavam-na. O seu interesse por ela, o simples facto de a ter notado, também a intrigavam, e ao mesmo tempo frustravam. Contudo, esta manhã, o que importava era que ele lhe ia dar uma oportunidade de se explicar, e ela tinha de garantir que a aproveitava ao máximo. O que seria um desafio, visto nunca falar sobre si própria nem divulgar os seus sentimentos íntimos.

Chegara à Casa da Urze, uma recente adição ao jardim feito pela mãe, e um dos lugares favoritos de Mary. Era um pavilhão pequeno e redondo, todo em madeira, situado num monte relevado rodeado por árvores, com uma bonita vista para o Marr Burn e a cascata. Lá dentro, as paredes estavam decoradas com o brasão da família Buccleuch e vários outros símbolos heráldicos e motes, todos inteligentemente criados com musgo, cal e urze. Sentou-se no banco circular que rodeava o exterior, do lado que não dava para o caminho, e fechou os olhos para ouvir o Marr correr através dos bosques como se, pensava ela sempre, estivesse com uma pressa terrível de ir a algum sítio. O som acalmou-lhe os nervos, até que o suave estalar de um galho a quebrar a fez abrir os olhos.

— Bom dia.

Corada, Mary pôs-se de pé de um salto.

— Coronel Trefusis. Está adiantado.

Vestia um casaco de dia escuro, com colete a condizer, calças beges e uma camisa lisa e ofuscantemente branca. O vestuário era informal, mas envergava-o com um garbo que fez Mary sentir-se horrivelmente acanhada em relação à sua *toilette* conjugada à pressa. Enfiara um dos seus vestidos matinais favoritos, de algodão branco bordado com pequenas flores azuis, engraçado embora comum, e limitara-se a passar a escova pelos seus longos cabelos indomados, atando-lhes apenas uma fita e deixando-os cair, soltos, pelas costas. O cabelo do coronel estava

meticulosamente penteado e tinha-se barbeado, sendo o único sinal de informalidade a ausência de um chapéu.

Ela achara-o bem-parecido na noite anterior. Hoje, percebia com desânimo que também o achava extremamente atraente. Passaram-lhe pela cabeça imagens da sua excruciante primeira temporada social, e estremeceu. Nunca gostara de ser o foco das atenções. Não tinha ideia de como fazer conversa com os cavalheiros que a sua mãe emboscava para dançarem com ela. Quanto mais atraente era o homem, mais ela ficava com a língua presa. Não fez grande sucesso e, ao princípio ficou mortificada pela sua inaptidão social, até que percebeu que o seu fracasso em atrair um potencial marido era exatamente o resultado que pretendia obter. Depois disso, especializou-se na arte de ficar com a língua presa e ser desastrada, de parecer apagada e modesta, e facilmente ignorada. Teve sucesso, nos seus próprios termos, em repelir quaisquer avanços, e passou muito do seu tempo a observar o progresso e as contrariedades das outras debutantes. Prever cada desfecho tornou-se um jogo para ela. Parecia que um dos seus poucos talentos era ser intuitiva quando se tratava de pessoas. Era típico dela que o seu único atributo fosse útil como jogo de salão, mas pouco mais.

— Vamos sentar-nos? — sugeriu o Coronel Trefusis, com um vestígio de sorriso que a fez reçar estar a fitá-lo há demasiado tempo.

Ele esperou que ela se instalasse no banco estreito antes de se sentar também. As suas botas estavam muito bem envernizadas, sem sequer uma folha de relva a estragar a perfeição. Mary escondeu os seus pés orvalhados sob a bainha do vestido, juntou as mãos e sorriu vivamente.

— Obrigada por arranjar tempo para vir aqui e falar comigo.

Parecia a mãe dela a falar com um dos convidados para jantar menos preferidos, mas o coronel, entretido a observar o turbulento Marr, pareceu não reparar.

— Numa manhã tão bonita, não é difícil. Sou madrugador, e gosto de estar ao ar livre ao princípio do dia, quando posso.

— E durante o jantar a meio do *ceilidh*, também — brincou Mary arrependendo-se imediatamente, lembrando-se demasiado tarde de como ele ficara à defesa quando o questionara na noite anterior. — Pelo menos estabelecemos que temos algo em comum — disse ela, procurando aligeirar a situação. — Um amor pelo ar livre, quero dizer. Era uma das coisas que me desagradava mais em Londres, a falta de ar puro. E não poder usufruir do ar que havia sem uma acompanhante. Era outra coisa que detestava. Toda aquela história das acompanhantes. Nunca me deixavam ir a lado nenhum sozinha. — Estremeceu por dentro. — Desculpe, estou a falar demasiado.

— Não precisa de estar nervosa.

— Preciso muito. Na noite passada, concordei em explicar-me, e mal o conheço, por isso é difícil... oh, cala-te, Mary!

Corando furiosamente, fitou o chão.

— Então deixe-me começar com uma explicação minha. Saí da mesa do banquete na noite passada por causa de uma terrível dor de cabeça.

— Porque é que não disse? Disfarçou muito bem quando dançou comigo.

— Vê-la no parapeito curou-ma imediatamente. Foi como um bálsamo para a minha testa febril.

Ela sorriu ao cumprimento, deliberadamente radiosa.

— Fico feliz por ter sido útil.

O coronel virou-se no banco para a encarar.

— Uma boa ação merece outra. Não sei porque é que meteu na cabeça que eu ia contar histórias à duquesa, mas não tinha tal intenção. Compreendo porque é que estava ali em cima. Considero-me privilegiado por ter testemunhado a sua ousadia. Deixemos as coisas ficarem por aí.

— Deveras?

— Deveras.

— Obrigada! Oh, muito obrigada. Se a minha mãe soubesse... passei a noite a admoestar-me por ser tão egoísta.

— Fico feliz por ter sido útil.

Este uso deliberado das suas próprias palavras fê-la sorrir.

— Tenho uma grande dívida para consigo.

— Nesse caso, faça-me a vontade e diga-me porque é tão importante.

O alívio deu lugar à preocupação.

— O que quer saber?

Ele examinou-a por um momento, com os lábios cerrados.

— Deixe estar. Eu não devia ter perguntado. A minha decisão não foi tomada condicionalmente.

Ia levantar-se, mas ela segurou-lhe o braço.

— Não, espere. O senhor foi tão generoso que lhe devo alguma explicação.

— Não me deve nada.

— É por isso que gostava de explicar. — Mary entrelaçou os dedos sobre o regaço. — Se bem que não saiba por onde começar. O que deseja saber?

— Bem, suponho que... sim, gostaria de saber: se não fosse pela preocupação de a sua mãe descobrir, estaria arrependida?

— Honestamente? — Mary fechou os olhos, revivendo o momento em que recuperara do tropeção e começara a andar ao longo do parapeito. — Não me parece que estivesse. Foi excitante. Como imagino que seja voar. Senti-me como um falcão, vendo o mundo das alturas. Parecia tudo tão pequeno, e eu senti... senti-me livre, e poderosa. Como se nada pudesse tocar-me, como se ninguém pudesse alcançar-me. Foi uma experiência exaltante. Nunca senti nada assim. Desculpe, estou a divagar e a ser caprichosa.

— Não, está a ser fascinante.

Havia um calor na voz dele, uma expressão nos seus olhos quando ela os fitou, que a aqueceram. Não de uma forma desconfortável, mas acanhada, e mais uma vez consciente dele como um homem muito atraente e sofisticado. Que não podia, de todo, estar interessado nela, a não ser, talvez, pela novidade. Mary desviou o olhar.

O Coronel Trefusis mexeu-se ligeiramente no banco e cruzou as pernas.



— Porque é tão importante que os seus pais não descubram que fez um número de equilíbriismo ontem à noite? Parece-me que é algo mais do que apenas não desejar meter-se em sarilhos.

A mudança de assunto trouxe-a abruptamente de volta à terra.

— Por causa da minha irmã Margaret. — Como explicar Margaret? — Ela é tudo o que eu não sou. — *Bonita, confiante e desafiadora*, pensou Mary com tristeza. Margaret lidaria com esta conversa muito melhor do que ela. Iria direita ao ponto. — Ela causou um grande escândalo ao fugir do baile onde o seu noivado ia ser anunciado. «O nome Buccleuch arrastado na lama» — continuou Mary, no tom sonoro do pai. — «A nossa roupa suja lavada em público». O duque ficou mortificado.

— Santo Deus, não me surpreende. Que coisa horrível que ela fez.

— Sim, mas não tão horrível como tentar forçar uma pessoa a casar com um homem que ela achava desprezível, em nome do dever.

— Forçar? Estamos no século XIX. Uma mulher não pode ser obrigada a casar.

— Mas a vida dela pode tornar-se muito difícil se recusar. O meu pai desterrou a Margaret para Dalkeith, que é a nossa casa de família perto de Edimburgo, para lhe dar uma lição de obediência. Eu fui mandada para aqui com a minha precetora, para ficar afastada da influência dela. Quando ela continuou a recusar, foi exilada na Irlanda e o nome dela foi proibido, e agora instalou-se em Nova Iorque. Não a vejo há seis anos.

— Santo Deus!

— Exatamente — disse Mary, um tanto perplexa pela sua confissão. — O duque não permite sequer que se profira o seu nome. A minha mãe escreve-lhe, e eu também, mas temos de fingir que não.

— Isso deixa-a numa posição muito desagradável.

— E mais ainda à minha mãe.

— Talvez, mas... a menina devia ser muito jovem quando todo este tumulto aconteceu.

— Tinha quase 14 anos quando fui mandada de Dalkeith para aqui com a minha precetora.

O coronel franziu a testa.

— Pensei que a sua irmã é que tinha sido punida com o exílio.

— Adoro Drumlanrig. Os meus pais estavam a manter-me fora de perigo. Tinham assuntos mais importantes para resolver — disse Mary, embora tivesse havido ocasiões em que se perguntara se alguém se lembrava que ela existia. — Cuidaram muito bem de mim aqui.

— Espere, isso quer dizer que está aqui há... há quanto tempo?

— Até à minha apresentação à sociedade, há dois anos. — Dito assim, parecia horrível. — Não deve pensar que fui infeliz. Houve alturas em que os meus pais moraram aqui. Para as caçadas e... outras situações. E também estive sempre com a minha família no Natal. Além disso, sinto-me perfeitamente satisfeita na minha própria companhia.

O coronel parecia consternado.

— Perdoe-me. Não desejo criticar os meus anfitriões, mas fico com a sensação de que teve uma existência muito solitária.

Ela queria negá-lo, mas era a verdade, embora não se permitisse admiti-lo. Como é que a conversa se tornara tão pessoal? Mary tentou desdenhar, mas para seu horror formou-se-lhe um nó na garganta. Nunca ninguém lhe tinha perguntado como se sentia. Fora preciso este completo estranho realçar aquilo que devia ter sido muito óbvio para a sua mãe. Para seu maior embaraço, uma lágrima escapou-lhe dos olhos. Ela limpou-a impacientemente.

— Desculpe. — O Coronel Trefusis abanou a cabeça, oferecendo-lhe um lenço. — Obrigada. — Mary enxugou os olhos, procurando freneticamente controlar-se. — A única coisa pior que um regador humano, é um que não tem lenço.

— Posso estar enganado, mas não me parece alguém dado a demonstrações emocionais.

— Não sou. Quase nunca choro e nunca abro o meu coração a ninguém, muito menos a um estranho. Peço perdão. Não sei o que me deu.

UMA HISTÓRIA DE AUTODESCOBERTA,  
CORAGEM E AMOR,  
INSPIRADA NA FAMÍLIA E NA HISTÓRIA  
DE SARAH FERGUSON, DUQUESA DE YORK

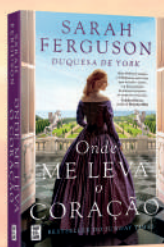
**A** Londres vitoriana era famosa pelos seus carteiristas, mas também por ladrões de arte e vigaristas que atacavam os ricos e nobres nas casas de campo da elite. Estas vítimas, porém, com o orgulho e reputação em jogo, nunca iriam à polícia. Do que elas precisavam era de um membro da sociedade, discreto e com poderes de observação aguçados.

Lady Mary Montagu Douglas Scott é essa pessoa. Movendo-se despercebida por entre os salões de baile e palácios da Rainha Vitória, a sua perspicácia permite-lhe resolver os crimes da sociedade, recuperar dinheiro e joias roubadas, e socorrer aqueles cuja reputação e fortuna estão em perigo.

Ao conhecer o Coronel Walter Trefusis, distinto e charmoso veterano de guerra, forma-se uma improvável aliança. Mary, todavia, não descobriu só o parceiro de investigação perfeito: encontrou uma alma gémea. E enquanto luta contra as expetativas da sociedade e da sua família, percebe que tem de seguir o coração — custe o que custar...

**Com ritmo, romance e humor, esta é a história de uma jovem incrível que não só é a dama perfeita como uma detetive talentosa, uma mulher independente, e alguém capaz de lutar pelo amor.**

LEIA  
TAMBÉM:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789896238810



9 789896 238810 >